



# Estudo: metade das pessoas sem sintomas estavam infectadas

“Por cada caso sintomático, haverá quatro, cinco ou talvez mais casos de infecção sem sintomas”, conclui o presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto

Natália Faria

**A**s pessoas que apresentam os sintomas mais frequentemente associados à covid-19 (febre, tosse ou dificuldade respiratória) não são aquelas com mais diagnósticos positivos. Pelo contrário, a maior proporção de testes positivos ocorreu entre pessoas que nunca chegaram a manifestar qualquer sintoma nem tiveram qualquer contacto com casos suspeitos ou confirmados de covid-19, segundo o mais recente relatório do estudo Diários de uma Pandemia, uma iniciativa do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) e do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC), que conta com o apoio do PÚBLICO.

“Para cada caso sintomático, haverá quatro, cinco ou talvez mais casos de infecção que passam sem sintomas”, conclui Henrique Barros, presidente do ISPUP, especialista em saúde pública e epidemiologista, numa leitura dos resultados aos

inquéritos feitos a uma amostra (dinâmica e não representativa da população) de 11.125 indivíduos. Destes, 8613 pessoas declararam nunca ter tido contacto pessoal com casos suspeitos ou confirmados de covid-19 nem desenvolveram quaisquer sintomas. Ainda assim, fosse por terem uma maior percepção de risco ou por usarem mais os transportes públicos, por exemplo, 187 decidiram fazer o teste para o SARS-CoV-2. E quase metade (48,7%) estava infectada.

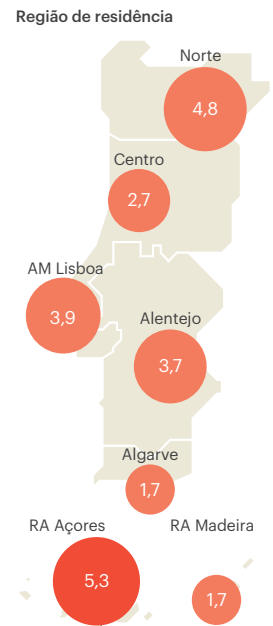
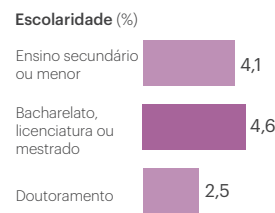
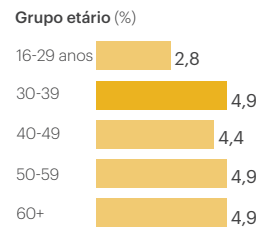
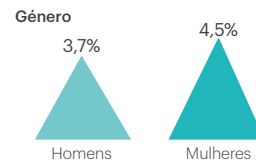
“É verdade que o teste pode ser falsamente positivo e até com uma frequência superior ao desejado nas condições de ‘vida real’ que diferem das situações ideais de laboratório”, começa por ressaltar Henrique Barros. Para o epidemiologista, porém, a lição mais plausível a retirar destes números é que o número de infectados entre a população é muito superior aos casos confirmados. “Os números oficiais são feitos com base em casos sintomáticos – começam agora a ser ‘contaminados’ pelos casos assintomáticos por causa dos rastreios [nos lares de idosos e nas creches, por exemplo]. Mas é óbvio

que não podemos fazer rastreios à população toda”, contextualiza.

Ainda assim, o epidemiologista defende que o país tem de ser mais liberal na realização destes testes de rastreio e diagnóstico. “No início, éramos muito mais selectivos com a realização dos testes, de acordo com o que sabíamos sobre o coronavírus e com a disponibilidade dos testes, que era menor, mas é importante que agora sejamos muito mais liberais. Se fizermos mais testes, vamos encontrar mais gente positiva e isso vai contribuir para ‘segurar’ melhor as cadeias de transmissão”, defende.

Henrique Barros não acredita, ainda assim, que quando as autoridades sanitárias começarem a testar a imunidade da população com recurso aos testes serológicos que detectam a presença de anticóps, o que deverá acontecer no início de Maio, possamos deparar-nos com altos níveis de imunidade. “Arriscaria dizer que ficaremos abaixo dos 2% a nível nacional”, antecipa, admitindo valores ligeiramente superiores em Lisboa, Porto e Gaia, onde há mais casos confirmados.

Diários de uma Pandemia: testes a pessoas assintomáticas deram p



Fonte: ISPUP e INESC TEC

**“É importante que sejamos agora muito mais liberais. Se fizermos mais testes, vamos encontrar mais pessoas positivas e vamos ‘segurar’ melhor as cadeias de transmissão”**

Henrique Barros  
Epidemiologista

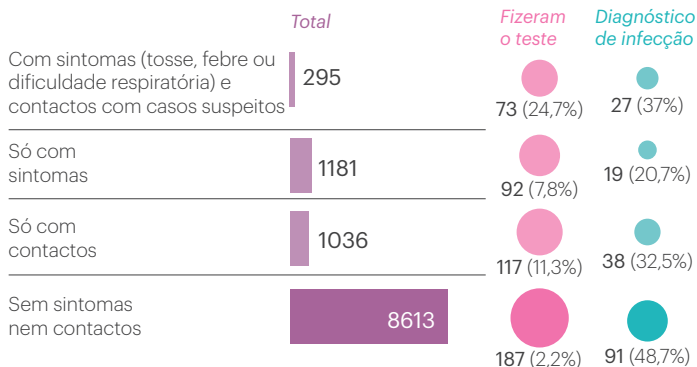
Entre os mais de 11 mil inquiridos, 2512 pessoas declararam ter tido tosse, febre e dificuldade respiratória e/ou contactos com pessoas suspeitas ou infectadas pelo coronavírus. Apesar disso, apenas 282 fizeram o teste de diagnóstico. A um nível mais microscópico, entre as 295 pessoas que aos sintomas somaram os contactos com casos de risco reconhecido, apenas 73 fizeram um teste. Porquê? “Na fase inicial, não bastava ter sintomas para se conseguir fazer o teste. Era preciso ter o chamado *link* epidemiológico. Se a pessoa não tivesse saído do país nem estado com alguém que vindo de Itália, mandavam-na tomar ben-u-ron e ficar em casa”, recorda o presidente do ISPUP.

Por outro lado (em contraste com os 48,7% de casos positivos detectados entre os assintomáticos sem qualquer contacto conhecido com pessoas infectadas), entre as 282 pessoas que apresentavam sintomas ou contactos “de risco”, a proporção de resultados positivos foi inferior ao expectável: 37% para os que tinham sintomas e contactos, 21% para os que só tinham sintomas e 32,5% para os



positivo em 48,7% dos casos

Caracterização clínica e epidemiológica dos participantes



Sector de actividade (%)



que tinham contactado com casos suspeitos de covid-19.

Explicações possíveis? Há aqui também o risco de “falsos negativos”, mais não fosse porque “quando a pessoa fez o teste, já tinha passado a fase em que estava a excretar o vírus”. Mas Henrique Barros admite que muitas pessoas tenham hipervalorado os sintomas que as levaram aos testes. “Como estão preocupadas, as pessoas podem estar a valorizar qualquer tosse que, se calhar, não tem valor. A sensação de falta de ar é subjectiva – a ansiedade gera falta de ar. A febre é mais difícil de valorizar subjectivamente, mas também pode ter um componente psicogénico”, acrescenta o especialista, para concluir que “a percepção individual do risco pode não ser uma boa conselheira”.

O estudo *Diários de uma Pandemia* também permitiu detectar gradientes sociais entre as pessoas que fizeram o teste. Entre os 469 inquiridos que fizeram pelo menos um teste, há mais mulheres do que homens. E, entre os detentores de um doutoramento, a proporção dos que fizeram o teste foi de 2,5%, contra os 4,1% dos que

tinham o secundário ou menos.

“Quanto mais escolarizadas, mais as pessoas estão em teletrabalho e em menos risco se sentem. Já sabíamos, de amostras anteriores, que as pessoas que percebiam mais risco testam mais e que há uma relação clara entre sair de casa e o medo de ser infectado”, sublinha Henrique Barros, para reforçar que “as pessoas que têm profissões tradicionalmente menos diferenciadas e um grau de instrução formal menor tendem a ter mais medo, provavelmente porque sentem que não terão a literacia para medirem verdadeiramente o risco”.

Por outro lado, como seria de esperar, testa mais quem tem profissões ligadas à saúde e ao apoio social. A boa notícia aqui é que “a frequência de testes positivos foi significativamente mais baixa” entre estes profissionais. “Isto mostra que, mesmo perante situações de maior exposição ao risco, o conhecimento e a aplicação das medidas de prevenção levam a um menor risco de adquirir a infecção”, conclui o estudo.



# Metade das pessoas sem sintomas testam positivo para a covid-19

Inquérito a 11 mil portugueses mostra que maioria dos infectados eram pessoas que nunca tiveram sintomas • As regras para voltar ao cabeleireiro ou ao dentista a partir de amanhã • Dicionário da pandemia, as palavras que queremos deixar de dizer **Destaque, 2 a 13 e Editorial** • Acompanhe em [publico.pt/coronavirus](https://publico.pt/coronavirus)



Cátia Santos, assistente operacional há 15 anos, está a viver num hotel: a covid-19 separou muitos profissionais de saúde das famílias

NELSON GARRIDO

## PS fechou o ano com lucro de 572 mil euros nas contas

É o quarto ano seguido em que os socialistas têm saldo positivo. Contas já seguiram para o Constitucional **p18**

## Reprogramação do Portugal 2020 avança até ao Verão

Máquina dos fundos comunitários adapta-se para ajudar ao relançamento da economia portuguesa **p27**

## Como o Daesh se está a tentar reerguer à boleia da pandemia

Grupos jihadistas na Síria, Afeganistão e Iraque estão a reunir combatentes e a lançar novos ataques **p24/25**